

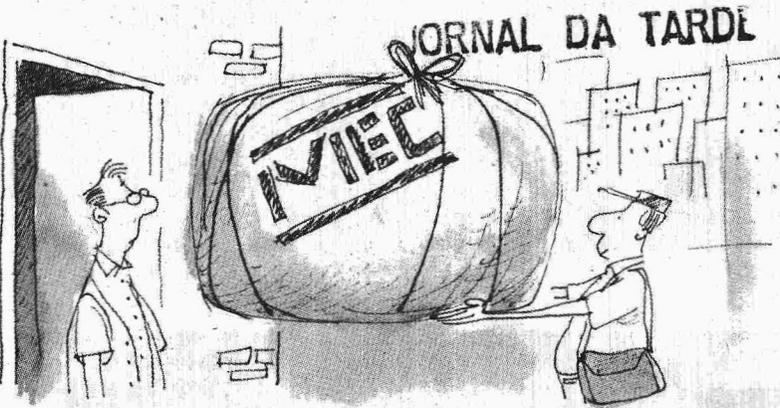
Quem pagou a fatura?

JOSÉ CARLOS AZEVEDO

-2 FEV 1995

Quem analisar as estatísticas nacionais dos três últimos decênios verá que houve aumento elevado na matrícula escolar, umas vinte vezes no 3º grau e umas dez nos níveis anteriores; foram construídas muitas universidades públicas, nenhuma delas melhor que instituições congêneres de segunda classe nos EUA. Mas a matrícula nesses estabelecimentos, apesar do aumento brutal do pessoal administrativo e docente, diminuiu de uns anos para cá e o crescimento no ensino superior se fez à custa da iniciativa particular que hoje tem mais de 2/3 dos alunos; caso isso não tivesse ocorrido, o caos seria hoje mais completo pois o MEC gasta a maior parte de seus recursos orçamentários nas suas universidades.

As últimas oportunidades para fazer mudanças essenciais na educação ocorreram no governo do presidente Ernesto Geisel; basta lembrar que, até então, residia apenas no Executivo a capacidade decisória nacional; nas administrações anteriores, após 1964, as condições foram até mais favoráveis e é correto dizer que, no setor educacional, o ciclo de 21 anos que se encerrou em 1985 pecou mais por não fazer o que deveria ter feito com facilidade. Afinal, o Brasil tem hoje a mesma estrutura educacional anterior à II Guerra Mundial, uma das mais ineficientes do planeta; por exemplo, na rede pública, que não valoriza o mérito, logo



O BRASIL TEM HOJE A MESMA
ESTRUTURA EDUCACIONAL ANTERIOR À
II GUERRA, UMA DAS MAIS
INEFICIENTES DO PLANETA.

haverá mais titulares e aposentados que as outras categorias somadas.

Por isso, muito me animei ao receber do MEC, ao final de 1994, um livro volumosíssimo, com 1.253 páginas, primorosamente impressas, com os atrativos da entrega em domicílio e gratuidade. Eram os *Anais da Conferência Nacional de Educação Para Todos, para discutir o Plano Decenal de Educação Para Todos*, do MEC. Supus que, enfim, estava salva a Pátria.

Folheando o livro, comecei por não entender por que gastar 22 páginas com as assinaturas dos mais de 1.600 representantes da alta pedagogia que compareceram ao encontro, hoje chamados de "panelistas". Fiquei surpreso ao ver que se

tratava de um encontro internacional mas que tinha apenas representantes de Bangladesh, China, Egito, México, Paquistão, Índia e Nigéria, que aliás acharam muito interessante a experiência dos Caics, filhos dos Ciacs, netos dos Cieps e bisnetos do CICM, que não tinha qualquer importância pedagógica: era apenas uma escola para ricos. Fiquei imaginando como explicar para um chinês o que é um Caic. Estranhei que ali estivesse transcrito, *verbatim*, em mais 36 páginas, um debate havido com os presidentes, ao qual não compareceram os dois primeiros colocados; um horror de banalidades. E fiquei sem saber por que, gastando mais 116 páginas, imprimir os nomes e endereços dos mais de 1.400 "panelistas".

Supondo que a ganância se justificaria pelo conteúdo do livro, procurei saber que Plano Decenal era esse e descobri que foi lançado há pouco meses e é a simples manifestação das boas intenções com que pavimentam o caminho para o inferno; válida, portanto, para qualquer país deste ou de outro planeta e em qualquer ocasião. Por fim, fiquei perplexo com o nível piegas do que li. Uma "panelista", com foros de novidade, transcreveu editorial do jornal (?) DEMECon-SP-, dizendo tratar-se de "uma parábola muito apropriada para este momento da educação que estamos vivendo em todo o País." E, entre aspas, transcreveu a... Parábola do Semeador mas com palavras inteiramente diferentes do Evangelho de São Mateus (XIII, 3) brilhantemente evocadas no Sermão da Sexagésima do P. Antonio Vieira, em 1655.

Passsei o livro adiante e me lembrei do autor de "**Les Guêpes**": "Plus ça change, plus c'est la même chose". Restou a curiosidade de saber por que um plano decenal. Educação, afinal, é tarefa de todos os dias, incluindo sábados e feriados. E sempre aos domingos.

O AUTOR

José Carlos
Azevedo é
doutor em Física
pelo MIT e
ex-reitor da UnB

